

OS PRIMÓRDIOS DO JIU-JITSU BRASILEIRO EM SALVADOR

Luan Alves Machado¹

Coriolano P. da Rocha Junior²

RESUMO: Este estudo teve como objetivo investigar o processo de formação da modalidade Jiu-Jitsu Brasileiro na cidade de Salvador, capital da Bahia, entre meados da década de 1980 e 1990. Para este fim, nos fundamentamos na metodologia da História Comparada. Utilizamos como fontes principais entrevistas de mestres e *senseis* de Judô e Jiu-Jitsu da cidade de Salvador, além de matérias do jornal Correio da Bahia. Como conclusão, apontamos que a cidade vivenciou experiências anteriores com a modalidade, mas foi com a chegada de Charles Gracie e a sua associação com *senseis* de Judô locais, que foi construído um lastro que possibilitou o desenvolvimento da modalidade e a criação da primeira Federação Baiana de Jiu-Jitsu.

PARAVRAS-CHAVE: Jiu-Jitsu Brasileiro; Lutas; História do Esporte.

THE BEGINNINGS OF BRAZILIAN JIU-JITSU IN SALVADOR

ABSTRACT: This study aimed to investigate the process of formation of the Brazilian Jiu-Jitsu modality in the city of Salvador, capital of Bahia, between the mid-1980s and 1990s. To this end, we based ourselves on the methodology of Comparative History. We used as main sources interviews with Judo and Jiu-Jitsu masters and *senseis* from the city of Salvador, as well as articles from the Correio da Bahia newspaper. As a conclusion, we point out that the city had previous experiences with the sport, but it was with the arrival of Charles Gracie and his association with local Judo *senseis*, that a ballast was built that enabled the development of the sport and the creation of the first Bahian Federation of Jiu-Jitsu.

KEYWORDS: Brazilian Jiu-Jitsu; Fights; History of Sport.

LOS INICIOS DEL JIU-JITSU BRASILEÑO EN SALVADOR

RESUMEN: Este estudio tuvo como objetivo investigar el proceso de formación de la modalidad de Jiu-Jitsu brasileño en la ciudad de Salvador, capital de Bahía, entre mediados de los años 1980 y 1990. Para ello, nos basamos en la metodología de la Historia Comparada. Se utilizaron como fuentes principales entrevistas con maestros y *senseis* de Judo y Jiu-Jitsu de la ciudad de Salvador, así como artículos del periódico Correio da Bahia. Como conclusión, señalamos que la ciudad tenía experiencias previas con el deporte, pero fue con la llegada de Charles Gracie y su asociación con los *senseis* locales de Judo, que se construyó un lastre que permitió el desarrollo del deporte y la creación de la primera Federación Bahiana de Jiu-Jitsu.

PALABRAS CLAVE: Jiu Jitsu Brasileño; Peleas; Historia del Deporte.

¹Secretaria Estadual de Educação/Bahia; Secretaria Municipal de Educação/Salvador. E-mail: luanxmachado@hotmail.com

² Universidade Federal da Bahia. E-mail: coriolanojunior@uol.com.br

Introdução

Jiu-Jitsu Brasileiro tem uma história recente, um processo que se iniciou a partir de migrações japonesas para o Brasil, no início do século XX, especificamente a partir da chegada de mestres oriundos da escola Kodokan mundialmente conhecida por ser a escola de Jigoro Kano reconhecido como o pai do Judô. Nunes e Rúbio (2013) afirmam, a partir de um estudo sobre a influência japonesa na formação e no desenvolvimento do Judô Brasileiro, que a prática dessas lutas no Brasil acontecia primordialmente nas colônias japonesas e eram formas de manutenção dessa cultura no país. Este estudo citado, ainda, aponta que o Judô Brasileiro surgiu dentro das colônias e comunidades japonesas que se estabeleceram a partir de 1908, com a chegada de Kasato Maru.

Figura 1 – Emigrantes japoneses embarcam no navio Kasato Maru em Kobe (Japão) rumo ao Brasil.



Fonte: Senado Federal.

O Kasato Maru foi um navio russo utilizado na Guerra Russo-Japonesa (1904-1905) e que, com o fim da guerra, passou a ser propriedade japonesa, sendo adaptado para transportar passageiros. Em 1908, esse navio trouxe o primeiro grupo oficial de imigrantes japoneses para o Brasil. O dia da chegada de Kasato Maru no Brasil, 18

de junho, é reconhecido como o dia nacional da imigração japonesa. Esse foi um marco importante para o desenvolvimento da cultura japonesa no Brasil e, conseqüentemente, deste objeto de pesquisa.

A escola Kodokan foi fundada em 1882, na cidade de Tóquio, capital do Japão, por Kano Jigoro Shihan conhecido no ocidente como Jigoro Kano. A partir de conhecimentos adquiridos em estilos anteriores de jujutsu, que se trata de estilos de lutas japonesas, Kano desenvolveu o Judô. Essa, então, nova modalidade foi pensada para *as necessidades das pessoas modernas*, a partir do princípio de uso máximo da eficiência da força física e da energia mental. Havia, neste período, para além das inovações técnicas, uma preocupação com a formação do indivíduo, *um conjunto de princípios para aperfeiçoar o eu*. Por isso, Kano substituiu o sufixo da palavra Jujutsu, onde *jutsu* significava técnica, para a palavra Judô, onde *dô* representava caminho. Kano desenvolveu uma escola para ser um centro de disseminação dessa modalidade. Esse local de treinamento fora nomeado Ko-do-kan (um lugar para ensinar o caminho).

Cabe destacar que este estudo compreende que há uma história hegemônica consolidada sobre o tema, mas também reconhece que em períodos anteriores houve representantes de outras escolas de Jiu-Jitsu no Brasil, tal como aponta a investigação de Lise e Capraro (2018). No entanto, partimos do pressuposto de que o processo que resultou na construção dessa modalidade, como a conhecemos hoje, é consequência, principalmente, da participação da família Gracie.

É importante sinalizar que este estudo assume o compromisso de refletir sobre o processo histórico em questão, sem reforçar mitos ou atribuir personalizações heroicas, ponderando com rigor científico sobre os fatos históricos narrados, conforme as fontes apresentam, com toda honestidade intelectual possível.

Nesse sentido, continuando o debate mais central, no início do século XX, houve a chegada de Tsunejiro Tomita, Soishiro Satake e Mitsuyo Maeda mestres da 1ª e 2ª geração da escola Kodokan, *nas*

Américas. Esse fato foi consequência de uma política de estado japonesa, cujo objetivo era levar a cultura nipônica para o ocidente. Assim, o Judô Kodokan se enquadrava de forma assertiva para essa política, sendo um produto genuíno da recente modernização japonesa. Essa política foi consequência direta do fim do isolamento japonês em relação às nações ocidentais do período Edo.

A história hegemônica consolidada do Jiu-Jitsu Brasileiro se localiza nesse contexto. Com a chegada dos lutadores japoneses da escola Kodokan, eles se estabeleceram na região amazônica, especificamente na cidade de Belém, capital do estado do Pará, em 1915. Gracie (2008) conta em seu livro biográfico sobre seu pai, Carlos Gracie, que Gastão, pai de Carlos, era um empresário e, dentre as suas atividades, estava a administração de um circo *The American Circus*. O circo, sobretudo nesse contexto, era reconhecido como um espaço cultural, aonde aconteciam espetáculos musicais, de dança, teatro e, dentre outros, as lutas. Foi nesse cenário que Gastão conheceu uma trupe de lutadores japoneses que passava pelo Brasil, dentre eles Mitsuyo Esai Maeda, o Conde Koma, com quem ele desenvolveu uma grande amizade.

Gastão pediu que Maeda ensinasse Judô a seu filho, Carlos, que estava numa idade de enorme rebeldia. A partir daí Koma passou a ensinar os conhecimentos de luta, que ele aprendera na escola Kodokan do Japão, para Carlos Gracie. Essa relação foi o impulso inicial que possibilitou a criação do Jiu-Jitsu Brasileiro que também é reconhecido como Jiu-Jitsu Gracie, de acordo com a história hegemônica.

Conforme aponta um artigo da Biblioteca Nacional da Dieta do Japão (2014), em 1922, aos 40 anos de idade, Mitsuyo Esai Maeda decidiu se aposentar como lutador e passou a se dedicar mais ativamente a projetos de colonização nipônica, na região da Amazônia. Durante as suas expedições, Maeda sentiu os impactos da xenofobia anti-japonesa, experiências que o aproximou das colonizações

japonesas. Em 1924, Maeda conheceu Daisy May Iris, uma enfermeira de origem inglesa, com quem se casou.

Figura 2 – Maeda em seus últimos anos com sua esposa Daisy May Iris e sua filha adotiva Celeste.



Fonte: Biblioteca Nacional da Dieta (Japão)

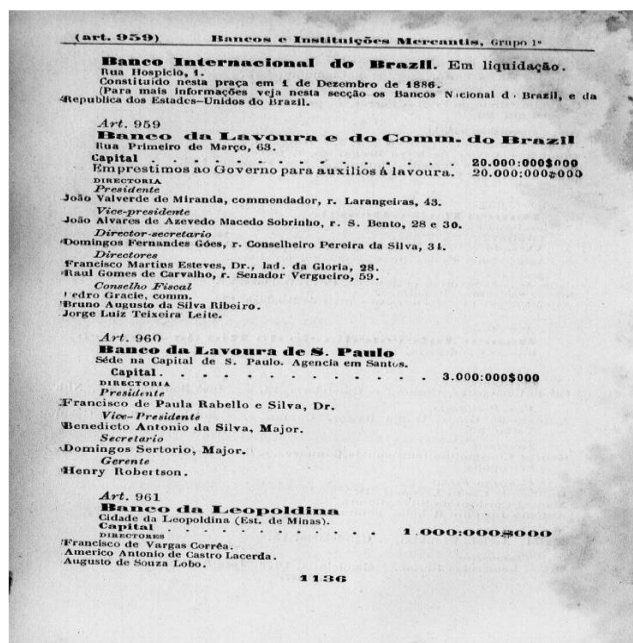
Maeda se tornou uma figura central no processo de colonização japonesa na região amazônica. Enquanto membro contratado do Ministério das Relações Exteriores do Japão, Maeda influenciou o estado japonês na revisão de sua política emigratória para o Brasil, que era centrada, anteriormente, no estado de São Paulo. Assim, passou então a considerar a região amazônica como uma terra promissora para a colonização nipônica.

Mitsuyo Esai Maeda faleceu em 1941, aos 63 anos de vida, vítima de uma doença renal. O Conde Koma deixou um grande legado de contribuição e influência na expansão da cultura japonesa em alguns países ocidentais. No que se refere às lutas modernas, ele possibilitou que diversos países conhecessem a grandiosidade do Judô que, nessa época, possuía uma organização gestual e técnica diferente dos moldes atuais. Com apenas 1,64m de altura e 68kg de peso, neutralizou diversos oponentes, demonstrando a potência da prática. Além de todas estas contribuições, a sua vivência com a família Gracie foi o que

garantiu as bases para a formação do que mais tarde se tornaria o Jiu-Jitsu Brasileiro.

De acordo com Gracie (2008), George Gracie, um escocês de formação protestante calvinista, desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, em 1826, no Porto do Rio de Janeiro. George construiu uma importante carreira como homem de negócios, caminho usualmente seguido por britânicos e escoceses no país, na época. Foi sócio da firma Stockmayer, Gracie, Hobkirk & Co que desenvolviam importantes atividades econômicas na cidade, possuindo inclusive relações comerciais com o Barão de Mauá. Casou-se com Maria Carolina Martins Pinheiro que pertencia à família do Barão da Lagoa Dourada. Juntos tiveram 15 filhos: Pedro, Alice, Albina, Samuel, Frederico, Maria Carolina (Mary), Livia, Sara, Carlos, Maria, Gastão, Ernesto, Sylvia e Dulce.

Figura 3 – Pedro Gracie citado em jornal como membro do Conselho Fiscal do Banco da Lavoura do Brasil.



Fonte: Jornal Almanak Laemmert: Administrativo (1891, p. 1136).

Nesse sentido, Gracie (2008) aponta, ainda, que um dos filhos de George, o Pedro Gracie frequentava os salões e saraus do segundo

reinado e chegou até a receber a Comenda Imperial Ordem da Rosa que premiava figuras distintas pela fidelidade ao Imperador e por serviços prestados ao Estado. Também, Pedro dirigiu a firma Gracie-Ferreira e chegou a ser primeiro comissário da Casa do Café e presidente do Banco da Lavoura.

Gastão Gracie membro da família que teve o primeiro contato com o Conde Koma. Gastão era filho do escocês George e foi um personagem importante para a história do Jiu-Jitsu Brasileiro. Assim como todos os seus irmãos homens, ele foi estudar numa universidade alemã, onde viveu por dez anos. Formou-se em química em Berlim, aprendeu oito idiomas e ingressou na carreira diplomática, que mais tarde iria a ser abandonada.

Embora tenha estabelecido morada na Alemanha, Gastão costumava viajar nas férias por todo Brasil. Pelas bandas de cá, havia uma cidade especial para ele, Belém do Pará. Cidade que estava consolidada como um entreposto comercial riquíssimo impulsionado pelo Ciclo da Borracha, assim como um porto de escala dos navios que vinham da Europa com destino ao Rio de Janeiro, a então Capital Federal. Gastão se apaixonou por Cesalina, uma belenense cuja família veio do Ceará, com quem se casou e teve oito filhos. Dentre esses, Carlos e Hélio que se consolidaram como os principais responsáveis pela criação do Jiu-Jitsu Brasileiro.

Carlos Gracie fora apresentado a Mitsuyo Maeda aos 15 anos de idade. Gastão, pai de Carlos, acreditava que essa experiência com a luta japonesa poderia servir como válvula de escape à agressividade recorrente de Carlos. Gracie (2008) afirma que se estabeleceu enorme empatia entre Carlos e Maeda, desde o primeiro contato. Carlos tornou-se um disciplinado e dedicado praticante. Embora tenha havido intervalos provocados por algumas viagens do japonês, as aulas com o Conde Koma duraram aproximadamente três anos, tempo suficiente para despertar em Carlos uma grande paixão pela modalidade.

Em 1920, a decadência do Ciclo da Borracha levou ao fechamento do *The American Circus* e, conseqüentemente, Gastão à falência. Em 1921, Gastão recebeu a notícia da morte do seu pai, levando-o à decisão de mudar-se com a sua família para a cidade do Rio de Janeiro, a então capital do Brasil, onde o seu pai havia deixado uma herança.

A partir do Rio de Janeiro a modalidade Jiu-Jitsu Brasileiro se constituiu e se tornou hegemônica em todo o mundo. A capital federal da época é reconhecida como o berço do esporte moderno brasileiro, a partir das mudanças ocorridas com o projeto de modernidade (Melo, 2001). De lá a modalidade se organizou e se espalhou para o Brasil e posteriormente para o mundo.

O Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador

Cabe apontar que este estudo é um recorte de um estudo maior, produzido na forma de dissertação, defendida em 2022. Tratou-se de uma investigação que buscou compreender o processo de formação da modalidade nas cidades Salvador e Rio de Janeiro, a partir da metodologia da História Comparada. Aqui, o recorte espacial é a cidade de Salvador, mas haverá sempre uma forte conexão com a cidade do Rio de Janeiro. Isso se dá, porque foi no Rio onde se consolidou a primeira federação de Jiu-Jitsu, foi onde a prática se organizou para se espalhar para outras localidades. Além disso, todas as entrevistas utilizadas estão disponíveis na íntegra na dissertação.

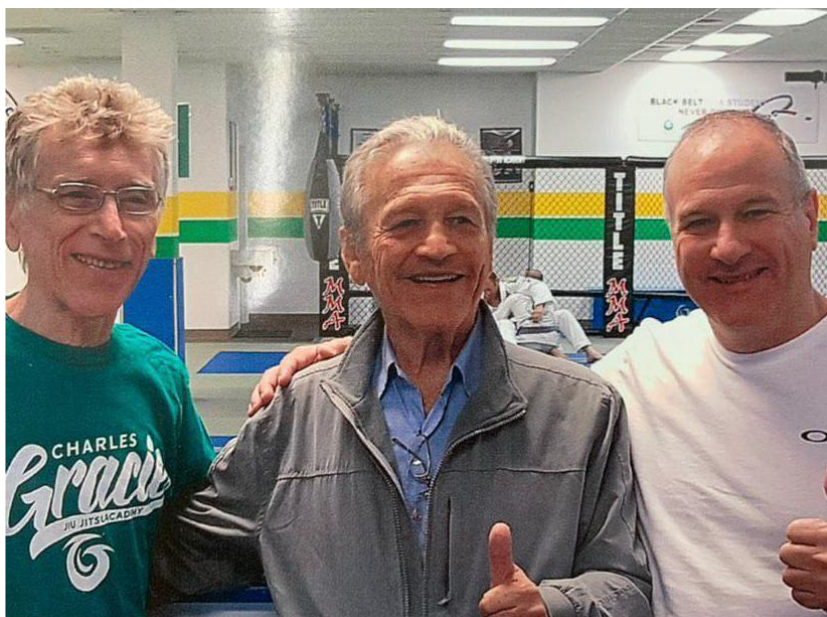
Pensar a história do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador é remontar um passado mais recente. Enquanto no Rio de Janeiro na década de 1960 a prática já estava consolidada e já se organizava oficialmente com a sua primeira federação, foi na década de 1970 que encontramos o primeiro vestígio de contato entre a modalidade e a cidade de Salvador. De acordo com o relato de Luiz Augusto Barbosa de Souza, o Luiz *Rato*, como é conhecido popularmente na cena, foi especificamente em 1973 que se deu este fato:

Rapaz... o primeiro contato do Jiu-Jitsu com a cidade de Salvador foi na antiga Faculdade Amec Trabuco em 1973. Meu irmão, Ricardo, estudava Administração na época, quando aconteceu uma situação muito inusitada... aconteceu numa quarta-feira quando dois irmãos que tomavam conta dos carros lá na faculdade brigaram, e chegaram a puxar a faca um pro outro. Foi nessa que um cara chamado Paulo Fiuza, um colega de meu irmão, se meteu na situação e neutralizou facilmente, e apaziguou a situação. Aquilo chamou muita atenção, né? E a partir daí Fiuza se apresentou como um faixa preta de Jiu-Jitsu Gracie... e que ele estava afim de juntar uma galera interessada pra formar uma turma e praticar. Essa turma aconteceu, meu irmão Ricardo foi um dos primeiros alunos, e manteve os treinos até 74, quando Fiuza precisou ir embora pra Ilhéus... abandonou o curso de Administração e também os treinos (Souza, 2015, p. 02).

Não foi possível encontrar nenhuma outra fonte que pudesse confirmar a história contada. Há um registro no site oficial do Ministério da Educação sobre essa instituição de ensino, a Faculdade Amec Trabuco, afirmando que ela foi credenciada em 2004 e descredenciada em 2009. Contudo, não é possível afirmar que se trata da mesma instituição citada pelo entrevistado.

Luiz *Rato*, personagem entrevistado neste trabalho, é um ator importante e amplamente reconhecido na cena do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador, na atualidade. Além de faixa preta da modalidade, é também faixa marrom de Judô, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional e especialista em Medicina Chinesa, com ênfase em Acupuntura. Uma figura com ampla experiência e formações.

Figura 4 – Da esquerda para a direita: Reilson, Reison e Charles Gracie.



Fonte: Arquivo pessoal de Charles Gracie.

Charles Gracie apontou, também, em relato para este estudo, que o seu tio Reison esteve em Salvador no início da década de 1980 e que passou alguns meses ensinando a um pequeno grupo de pessoas no Clube Bahiano de Tênis.

[...] então, o quê que acontece? tinha um grupo de cariocas... an... e duas pessoas... nesse grupo... an... ... a maioria baianos queriam porque queriam aprender o jiu-jitsu, né? e eu tava lá só de férias... e eu não queria me envolver com negócio de jiu-jitsu porque eu tava só de passagem né? porque antes teve meu tio... meu próprio tio Reison que teve na Bahia por alguns meses e ensinou a um grupo pequeno de pessoas lá. – cê lembra quando ele veio aqui mestre? – aí eu não sei, eu acho que é... final de oitenta... oitenta não, desculpa... começo de oitenta... mais ou menos que ele teve aí... então... esse grupo tinha alguns conhecidos no Yacht Clube da Bahia, né? Oh... no Yacht Clube não... desculpa... na verdade, no Clube Bahiano de Tênis (Gracie, 2020, p. 7).

Com esses relatos, podemos afirmar que encontramos vestígios de que a cidade de Salvador teve contatos anteriores com a modalidade, mas que não se consolidaram. Charles Gracie, outro personagem entrevistado neste trabalho, foi um ator essencial no processo de

consolidação e institucionalização do Jiu-Jitsu Brasileiro em Salvador, sendo um dos principais articuladores da modalidade na cidade durante os anos 1990.

Luiz *Rato* confirma a importância de Charles em seu relato sobre a história do Jiu-Jitsu baiano, afirmando que a formação da modalidade na cidade se iniciou efetivamente com a chegada de Charles Gracie na capital baiana.

Então... mas os primeiros contatos mesmo com o Jiu-Jitsu em Salvador... que realmente firmaram a arte marcial na cidade, foi em 1987 quando Charles Gracie veio morar aqui. Charles era filho de Robson e aluno de Rolls... ele montou as suas primeiras turmas pra dar aula aqui em fevereiro de 87 no Clube Bahiano de Tênis, na Barra, e depois em março ele montou outra turma na Triathlon, na Graça. Eu fui aluno dele nessa época. Eu já treinava Judô e fui um dos primeiros alunos dele nesse período. Em 88... aproximadamente... Charles se afastou dos treinos por motivos pessoais. Nesse meio tempo, eu já era faixa azul de Jiu-Jitsu... tinha passado uns meses no Rio... treinando na Carlson... já treinava Judô há muito tempo, resolvi comprar uns tatames e montar um treino na minha própria casa (Souza, 2015, p. 3).

As informações coincidem com o relato de Charles, quando ele sinaliza que montou suas primeiras turmas de Jiu-Jitsu na capital baiana durante esse período, nos anos finais da década de 1980.

[...] aí o quê que aconteceu? Em 86... 87 a gente começou com um grupo lá no Bahiano de Tênis... e logo depois ampliamos lá pra academia Triathlon na Graça, né? Que era do falecido Rubão... eu dei aula nos dois lugares por alguns anos... e depois disso eu... acabei indo pra Pituba, né? Na academia de Judô Budokan e dei aula lá... an... de 92 até 97... entendeu? E quando deixei a Triathlon... um ano... dois anos depois... Guilherme Assad apareceu lá e resolveu se estabilizar também... estabelecer em Salvador, né? E começou a dar aula na Triathlon (Gracie, 2020, p. 8).

Foi nos primeiros anos da década de 1990 que se iniciaram os movimentos na cena que levariam à institucionalização da modalidade

na cidade. Com a ida de Charles à academia Budokan aconteceria uma articulação entre Charles e alguns mestres de Judô locais, garantindo as bases para a fundação da primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro da cidade de Salvador. Sobre a experiência de Charles na cidade, ele cita como foi importante o acolhimento do Judô ao Jiu-Jitsu:

Então, né? O que acontece é que na época... quando eu cheguei, né? Até os anos 90... começo de noventa não tinha nenhum praticante de jiu-jitsu... é do Judô, entendeu? Então o que a gente fez, é... eu levei algumas pessoas... como a gente não tinha campeonato de Jiu-Jitsu... eu levei algumas pessoas... alguns atletas nossos pra participar de um campeonato de Judô... daí eles teve um pouquinho de experiência pra saber o quê que era Jiu-Jitsu... porque o treino era de Jiu-Jitsu... – competição, né? – exatamente... e nós fomos muito bem recebidos, entendeu? Inclusive quem abriu as portas pra gente pra isso foi o professor Yoshida no Yacht Clube da Bahia (Gracie, 2020, p. 10).

Outro nome que emergiu das fontes foi o do Sensei Kazuo Yoshida. Ricardo Carvalho, atual presidente de uma das federações de Jiu-Jitsu em atividade na Bahia, professor de Jiu-Jitsu e de Judô, também contribuiu com este estudo. Em seu relato, ele cita Kazuo Yoshida como o precursor do Jiu-Jitsu baiano.

Na verdade... na Bahia todo processo começa com o mestre Kazuo Yoshida. Um japonês daqueles “casca grossa”. Aí ele foi e passou pro meu pai, o mestre Ciro... só que ele dava aula de Judô, só que o Judô dele era muito bom de chão (Carvalho, 2019, p. 01).

Este relato traz informações importantes. Primeiro, aponta que o Jiu-Jitsu não era uma modalidade estranha na cidade de Salvador. Já havia na cidade uma prática do Judô plenamente consolidada, e este judô tinha semelhanças gestuais com o Jiu-Jitsu. Tratava-se de um Judô diferente do praticado na atualidade, onde o foco do treino é quase sempre voltado para o treino em pé, de quedas.

Para este estudo, contamos também com o relato do Sensei Jorge Sobreira da Gomes. Sobreira, como é conhecido popularmente na cena, é um destacado e antigo Sensei de Judô da cidade de Salvador. Foi um ator de relevante contribuição para a história do Jiu-Jitsu Brasileiro na cidade e é atualmente o diretor técnico da Federação Baiana de Judô. Ele trouxe em seu relato considerações sobre a mistura do Judô e do Jiu-Jitsu durante o período em questão.

O que aconteceu na Bahia com a febre do Jiu-Jitsu, foi que... se você perguntar: “Sobreira, você conhece professor de Jiu-Jitsu da Bahia?”, todos que eu indicar a você, 90% é judoca. Porque viram uma maneira... aproveitaram o modismo e começaram a dar aula de Jiu-Jitsu e se deram bem (Gomes, 2019, p. 2).

Diante desses relatos é possível apontar que o Judô teve grande relevância no processo de institucionalização do Jiu-Jitsu Brasileiro, em Salvador. Houve um processo de acolhimento. Mestres de Judô locais acolheram Charles Gracie, deram espaço e contribuíram com a organização da primeira federação de Jiu-Jitsu Brasileiro do estado da Bahia.

Em meados da década de 1990, o Jiu-Jitsu Brasileiro já era bastante conhecido em Salvador. Consequência provável do espaço que a modalidade tinha nas mídias e também pelo protagonismo que a modalidade assumiu nos eventos de *Vale Tudo*. Apesar de não ser ainda largamente praticado na cidade, o Jiu-Jitsu já despertava interesse de praticantes e de alguns mestres de Judô que almejavam sucesso financeiro a partir da aproximação com a modalidade.

Foi nesse período, em 1993, que aconteceu o primeiro Ultimate Fighting Championship (UFC) da história que também contribuiu para consolidação do mundial do Jiu-Jitsu. Esse evento, que na atualidade se tornou o principal evento de lutas do planeta, foi uma iniciativa de John Milius, Rorion Gracie, Art Davie, Campbell McLaren, Bob

Meyrowitz e David Isaacs. E teve sua primeira edição em novembro de 1993 nos Estados Unidos da América.

Esse evento reunia interesses diversos. Empresários americanos visualizavam um produto que poderia monetizar e se projetar, também havia a presença de um Gracie que almejava projetar o Jiu-Jitsu Brasileiro para o mundo, assim como o nome de sua família que, recorrentemente, se colocava no protagonismo de ações de marketing da modalidade. O evento reunia especialistas de modalidades diferentes, dentro de uma jaula, numa luta sem limite de tempo, sem itens de proteção e com pouquíssimas regras. Foi um sucesso mundial, tendo como primeiro campeão Royce Gracie, um jovem magro e franzino que venceu facilmente os seus adversários com suas técnicas de Jiu-Jitsu Brasileiro.

Nesse cenário, aumentou a visibilidade do Jiu-Jitsu Brasileiro, gerando demandas, inclusive, na cidade de Salvador. Assim, alguns mestres de Judô locais se associaram a Charles Gracie que estava morando na capital baiana, somando esforços para garantir a fundação da federação. Sobre o nascimento da Federação Baiana de Jiu-Jitsu (FBJJ), Charles Gracie traz em seu relato considerações sobre esse cenário.

[...] o que eu fiz foi o seguinte... quando a confederação brasileira de jiu-jitsu tava nascendo em noventa e quatro... e você é... pra oficializar mais o jiu-jitsu na Bahia e botar a Bahia num cenário nacional e internacional... eu resolvi montar essa academia... essa federação de jiu-jitsu... só que a federação de jiu-jitsu pra ser montada precisa, por exemplo... umas três ou quatro agremiações, né? Pra elas serem a base de sustentação de uma federação... não posso abrir só com o meu nome... com a minha academia e esquece o resto pra lá... então eu tive a adesão de algumas academias de judô... que a gente se dava muito bem na época... tem o Serrinha... o próprio Ricardo Carvalho... o Alex Cintra (Gracie, 2020, p. 19).

Assim, nasceu a FBJJ, uma das quatro federações que estão em atividade na atualidade, atuando na organização do Jiu-Jitsu baiano.

Há, atualmente, quatro federações em atividade, no estado da Bahia, que são: Federação Baiana de Jiu-Jitsu (FBJJ), Federação Baiana de Jiu-Jitsu Olímpico (FBJJO), Federação de Jiu-Jitsu do Estado da Bahia (FJJEBA) e a Federação Baiana de Jiu-Jitsu e MMA (FBJJ MMA). Dentre elas, a que mais se aproxima das características da primeira federação, presidida por Charles Gracie na sua fundação, é a FBJJ. Atualmente, ela é presidida por Ricardo Carvalho um dos atores que contribuíram com esta pesquisa.

Figura 5 – Federação promove copa em shopping



Fonte: Correio da Bahia (15 de novembro de 1996).

O evento que afirmou a recém-criada Federação Baiana de Jiu-Jitsu foi a Copa Fala Garoto de Jiu-Jitsu. Foi uma competição que aconteceu no Shopping Barra, um espaço bastante prestigiado da capital baiana, e foi um grande sucesso, de acordo com o relato de Jorge Sobreira.

O Charles Gracie dava aula de Jiu-Jitsu na Budokan. Eu dava aula de Judô e ele dava aula de Jiu-Jitsu. Então fizemos amizade. Ele conversando comigo... como eu era o diretor técnico da Federação Baiana de Judô... ele tinha um projeto de organizar uma Copa de Jiu-Jitsu na Bahia. Eu disse: “vamos, eu ajudo”. Eu tinha muita influência no pessoal de marketing do Shopping Barra. Aí eu fiz a primeira Copa “Fala Garoto de Jiu-Jitsu da Bahia”. Primeira e única. Na época, pra se ter uma ideia,

Minotauro, Daniel Valverde, Lauro eram tudo faixa branca. Inclusive Daniel Valverde ganhou o peso e Minotauro ganhou o absoluto pra Lauro Fontes. Pra se ter uma ideia, eu consegui o patrocínio da Coca-Cola, consegui o patrocínio do Shopping pra colocar o som, montei os tatames da Federação... Pra se ter uma ideia, eu ganhei tanto brinde dos caras das lojas, camisas, kimonos, luvas... Todo mundo no em torno assistindo e perguntando quando teria outro... Pra se ter uma ideia, deu 9h da noite do sábado as cantinas não tinham nada mais pra vender, vendeu tudo. Sabe o público estimado rotativo? 60 mil pessoas. Foi o público estimado de acordo com o marketing do Shopping (Gomes, 2019, p. 6-7).

A Copa Fala Garoto de Jiu-Jitsu firmou a presença do Jiu-Jitsu Brasileiro na capital baiana e garantiu a popularidade da Federação que passou a assumir um papel regulador da prática no estado, conforme aponta a matéria a seguir:

Figura 6 – Gracie critica falsos mestres e prega aliança no jiu-jítsu



Fonte: Acervo pessoal de Charles Gracie.

O Jiu-Jitsu Brasileiro estava consolidado na cidade. A Federação já assumia o papel de organização da prática que, por sua vez, já estava firmada na capital baiana. A primeira entidade organizadora da modalidade na cidade foi fundada em 1996 e, desde então, segue influenciando à composição da modalidade em Salvador.

Considerações finais

Podemos apontar que a cidade de Salvador, no contexto de meados da década de 1990, tinha um cenário de lutas consolidado em que o Jiu-Jitsu Brasileiro não era uma prática estranha, embora não fosse largamente praticado. O Judô praticado na época tinha consideráveis semelhanças gestuais com o Jiu-Jitsu, além de ser uma prática já reconhecida na cidade, especialmente pelo espaço que essa possuía nas mídias.

A fundação da federação de Jiu-Jitsu, na cidade, foi mais que uma consequência formal e burocrática de uma modalidade esportiva que buscava se afirmar e encontrar o seu espaço. Foi mesmo consequência de uma demanda existente no campo e da articulação dos sujeitos envolvidos.

É possível afirmar que houve uma facilidade para a efetivação da federação. Isso se deu, dentre outros motivos, por um processo de acolhimento dado por mestres locais de Judô. Também, a presença de Charles Gracie foi fundamental nesse processo. Por se tratar de um exímio representante da família Gracie que já era muito reconhecida na cidade e, também, por trazer consigo toda experiência da modalidade que viveu na sua cidade matriz, o Rio de Janeiro.

Referências

ALBUQUERQUE, Adriano. *UFC 20 anos: como nasceu o evento que revolucionou as artes marciais*. O Globo. Rio de Janeiro, 12 de nov. 2013. Combate. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/combate/noticia/2013/11/ufc-20-anos->

como-nasceu-o-evento-que-revolucionou-artes-marciais.html>. Acesso em: 03 de mar. 2024.

BIZZAR, Kauê. *A história do jiu-jitsu brasileiro: do jujutsu ao jiu-jitsu*. Rio de Janeiro: Autobiografia, 2017.

CORREIO DA BAHIA. *Federação promove copa em shopping*. 15 de novembro de 1996.

Entrevista concedida por CARVALHO, Ricardo. [mar. 2019]. Entrevistador: Luan Alves Machado. Salvador, 2019.

Entrevista concedida por COSTA, Jorge Sobreira Gomes da. [abr. 2019]. Entrevistador: Luan Alves Machado. Salvador, 2019.

Entrevista concedida por GRACIE, Charles. [nov.2020]. Entrevistador: Luan Alves Machado. Salvador, 2020.

Entrevista concedida por SOUZA, Luiz Augusto Barbosa de. [mai. 2015]. Entrevistador: Luan Alves Machado. Salvador, 2015.

GRACIE, Reila. *Carlos Gracie: o criador de uma dinastia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

KANO, Jigoro. *Energia mental e física: escritos do fundador do judô*. Tradução Wagner Bull. São Paulo: Pensamento, 2008.

KANO, Jigoro. *Judô Kodokan*. Tradução Wagner Bull. São Paulo: Cultrix, 2008.

KODOKAN JUDO INSTITUTE. *History of Kodokan Judo*. Disponível em: <<http://kodokanjudoinstitute.org/en/doctrine/history/>>. Acesso em: 03 de mar. 2024.

LISE, Riqueldi S. CAPRARO, André M. Primórdios do jiu-jitsu e dos confrontos intermodalidades no Brasil: contestando uma memória consolidada. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v. 40. n. 3, Jul/Set, 2018.

MACHADO, Luan Alves. *A formação do jiu-jitsu brasileiro em Salvador e no Rio de Janeiro: um estudo histórico comparado*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 148. 2022.

MELO, Victor Andrade de. Por uma história comparada do esporte: possibilidades, potencialidades e limites. *Movimento*, Rio Grande do Sul, v. 13, n. 3, p. 11-41, 2007.

NATHANY, Morgana. *Senado celebra 111 anos da imigração japonesa no Brasil*. Senado Federal, 2019. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/07/04/senado-celebra-111-anos-da-imigracao-japonesa-no-brasil>>. Acesso em: 03 de mar. 2024.

NATIONAL DIET LIBRARY. O Invencível Conde Koma que desafiou a luta contra a Amazônia. Japan. Disponível em: <<https://www.ndl.go.jp/brasil/pt/column/kodekoma.html>>. Acesso em: 03 de mar. 2024.

NATIONAL DIET LIBRARY. O KASATO-MARU. Japan. Disponível em: <<https://www.ndl.go.jp/brasil/pt/column/kasatomaru.html>>. Acesso em: 03 de mar. 2024.

NUNES, Alexandre Velly e RUBIO, Kátia. *The Japanese immigration influence on the formation and development of Brazilian judô*. *International Journal of Sport Studies*. Vol. 3 (10), 1087-1094, 2013.

VIRGÍLIO, Stanlei. *Conde Koma: O Invencível Yondan da História*. 2. ed. Campinas, SP: Editora Átomo, 2017.